



■ A ESCOLA DO LAGO OESTE É UMA DAS QUE SOFRERAM COM A VIOLÊNCIA. O DIRETOR DA UNIDADE FOI ASSASSINADO EM CASA POR DOIS EX-ALUNOS

Violência ronda as escolas

PELA COMPLEXIDADE, TEMA DOMINOU BOA PARTE DOS DEBATES

Joana Whigtman

Desde o início do ano, uma onda de violência invadiu as escolas do Distrito Federal. A população se surpreendeu com casos brutais nos últimos meses. Um diretor assassinado, um professor espancado, docentes ameaçados com armas, brigas de alunos que acabam em tesouradas e até tiroteio. O saldo de crimes nas instituições de ensino é alarmante. Pela complexidade do tema, a violência nas escolas foi um dos principais painéis do Fórum Educação Pública e Privada no DF, realizado pelo **Jornal de Brasília**, na terça-feira última, no UniDF, na 903 Sul.

Com um contingente de 530

policiais militares, o Batalhão Escolar é responsável pela segurança de 1.074 escolas públicas e particulares do DF. Porém, de acordo com o tenente-coronel Nelson Garcia, comandante do Batalhão, o problema da violência não está relacionado com a presença de policiais na porta das escolas. “É preciso compreender a origem dos conflitos no ambiente escolar. A maioria dos casos tem histórico de desavenças anteriores. Acredito que falta preparo, sensibilidade e um olhar diferente dos profissionais. Também é preciso ressaltar que falta estrutura para acolher o aluno”, opinou Garcia.

Ele lembrou que o Batalhão Escolar foi criado em 1989, um ano

antes do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), depois de um caso grave de violência: o assassinato de uma aluna em uma escola pública do Gama. A corporação surgiu como um reforço especializado ao trabalho da PM para atuar nas instituições de ensino. Para o major Carvalho, do Batalhão Escolar, é preciso investir em informações preventivas que orientem os pais, professores e alunos sobre o problema da violência.

■ Soluções

Para o editor-chefe do **JBr**, Jorge Eduardo Antunes, o espaço de debates é um meio importante para a busca de soluções que auxiliem nos projetos e tomada de decisões do

governo. “A violência nas escolas é um tema que salta aos olhos da sociedade. Por isso, precisamos discutir alternativas para o problema e melhorias nas condições do ensino para alunos e professores”, disse Antunes, que foi mediador dos debates. Ele ressaltou que cabe não só às autoridades, mas também a diversos atores sociais, como a imprensa e entidades da sociedade civil, a árdua tarefa de selecionar, aplicar e cobrar ações e políticas públicas.

O diretor do Sindicato dos Professores do DF (Sinpro-DF), Washington Dourado, aponta que a discussão sobre educação é complexa e deve focar a ampliação da qualidade da aprendizagem. “Discutir a educação não é fácil.

Criticar é. Precisamos debater os assuntos e construir respostas”, concordou Dourado. Entre as medidas adotadas, uma que causou grande polêmica foi a compilação dos casos registrados nos livros de ocorrência da escola, que poderia fornecer um tipo de ficha do aluno com histórico violento.

O tenente-coronel Garcia faz parte do grupo que aposta no cadastro digital e defende a informatização dos dados como mecanismo de controle e monitoramento da violência nas instituições de ensino. “Antes, as informações não eram compartilhadas, agora a idéia é termos um sistema de acesso aos casos registrados pelos professores”, destacou o comandante.